



Reflexões sobre a Arte e o seu Ensino 2

Jeanine Mafra Migliorini
(Organizadora)

Atena
Editora

Ano 2018

Jeanine Mafra Migliorini
(Organizadora)

Reflexões sobre a Arte e o seu Ensino 2

**Atena Editora
2018**

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Edição de Arte e Capa: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

R332 Reflexões sobre a arte e seu ensino 2 [recurso eletrônico] /
Organizadora Jeanine Mafra Migliorini. – Ponta Grossa (PR):
Atena Editora, 2018. – (Reflexões sobre a arte e seu ensino; v.2)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-85107-16-1
DOI 10.22533/at.ed.161182108

1. Arte – Estudo e ensino. 2. Arte – Filosofia. I. Migliorini, Jeanine
Mafra. II. Título. III. Série.

CDD 707

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins
comerciais.

www.atenaeditora.com.br

E-mail: contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A arte é transformadora, liberta pensamentos, angústias, alegrias, quebra paradigmas, é um espaço de expressão democrático, por isso sua presença na educação é tão relevante.

Através da arte abrem-se caminhos de transformação e de inclusão social. Uma vez que para o homem não basta sua vida individual, sua personalidade, ele busca realizar-se através de um 'ser social'. São nossos sentidos que fazem a mediação com o exterior, com o social, e são exatamente esses sentidos que são tocados, ou provocados quando em contato com a arte.

Discutir arte nos estabelecimentos de ensino é formar cidadãos mais conscientes de sua atuação em sociedade, mais críticos e também com um senso estético mais apurado.

Esta é a proposta deste livro, abordar discussões sobre práticas pedagógicas relacionadas ao ensino de arte, sobre a experimentação do fazer artístico e como isso reflete na aprendizagem. Devemos considerar que a abrangência das temáticas e linguagens artísticas se faz bem representadas nos capítulos, pois são infinitas as possibilidades de expressão. Teremos então um fio condutor que perpassa a discussão sobre métodos ou técnicas de ensino, mostra o papel de inclusão social que a arte educação nos oferece, na sequência os debates sobre música, dança, teatro, cinema, as artes visuais finalizando com a fotografia. Dentro dessas linguagens podemos encontrar discussões sobre metodologias específicas e práticas aplicadas.

Essa abrangência dos temas nos mostra o quanto necessário é o debate sobre o fazer artístico na escola. Este normalmente é um componente curricular deixado em segundo plano, quando não totalmente negligenciado, em detrimento do 'saber científico'. Dar consciência da relevância da arte na história é tema urgente entre as pautas da arte educação. É através da arte que conhecemos nossa história, nas representações de quadros, esculturas, da música, mais recentemente do cinema e de tantas outras formas, que sempre estiveram presentes nos livros didáticos de todas as disciplinas.

O que é necessário é que o aluno deixe de conhecer as obras artísticas apenas como ilustração dos livros e passe a fruir estas produções, a se apropriar delas através do estudo de seu contexto, de sua produção e de sua reflexão, como defende Ana Mae Barbosa em sua proposta triangular. Apenas quando há apropriação há conhecimento, se não teremos apenas a informação. Trabalhar a arte como fundamento do ensino é uma das boas maneiras de transformar essa informação, tão abundante atualmente, em conhecimento.

Inspiremo-nos nas novas metodologias aplicadas em escolas de todo o mundo, nas quais a arte é o ponto de partida, e através da interdisciplinaridade conduz os conteúdos dos currículos. Afinal a arte inspira, provoca, transcende, é fenômeno

cultural e pode ser entendida como reflexo do mundo, ajudando a compreender e explorar a sociedade e a si mesmo.

Que esta leitura seja agradável, reflexiva e lhe conduza às ações!

Prof.^a Jeanine Mafra Migliorini

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
DESIGN E ARTESANATO COMO INSTRUMENTO DE RESSOCIALIZAÇÃO: O CASO DA DASPRE <i>Ekaterina Emmanuil Inglesis Barcellos</i> <i>Galdenoro Botura Jr</i>	
CAPÍTULO 2	12
CONSTRANGIMENTO E LIBERDADE CRIATIVA <i>Domingos Loureiro</i>	
CAPÍTULO 3	23
ARTE CONTEMPORÂNEA: EXPERIÊNCIAS POÉTICAS <i>Fernanda Maziero Junqueira</i>	
CAPÍTULO 4	39
MÚSICA, POLÍTICA HIP- HOP E RESISTÊNCIA CULTURAL <i>Maria Beatriz Licursi</i>	
CAPÍTULO 5	49
CARTOGRAFIAS DOS ESPAÇOS SENTÍVEIS: NOVOS OLHARES PARA EXPERIENCIAR NA CIDADE <i>Adriano Moraes de Freitas Neto</i> <i>Rafael de Sousa Carvalho</i>	
CAPÍTULO 6	59
ARTE EM VIDRO: UMA VISÃO FEMININA <i>Teresa Almeida</i>	
CAPÍTULO 7	67
ARTE E ILUSTRAÇÃO BOTÂNICA: RELATO DE PRÁTICAS <i>Alessandra da Silva</i> <i>Ricardo de Pellegrin</i> <i>Gina Zanini</i>	
CAPÍTULO 8	78
ADORNOS: DESIGNERS E MATERIAIS DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX <i>Julia Yuri Landim Goya</i> <i>Maria Antonia Benutti</i>	
CAPÍTULO 9	91
ARTE E TECNOLOGIA – APLICAÇÃO DE ARDUINO NA MONTAGEM DE UM MONITOR 3D “CUBE LED” (CUBO DE DIODO EMISSOR DE LUZ) <i>Rodolfo Nucci Porsani</i> <i>Augusto Seolin Jurisato</i> <i>Maria do Carmo J. Plácido</i> <i>Sérgio Tosi Rodrigues</i>	
CAPÍTULO 10	105
A ACESSIBILIDADE NA 17ª EDIÇÃO DO FESTIVAL DE INVERNO DE BONITO 2016 PELO ACERVO DO MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE MATO GROSSO DO SUL (MARCO) <i>Patrícia Nogueira Agüena</i> <i>Celi Corrêa Neres</i>	
SOBRE A ORGANIZADORA	129

A ACESSIBILIDADE NA 17ª EDIÇÃO DO FESTIVAL DE INVERNO DE BONITO 2016 PELO ACERVO DO MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE MATO GROSSO DO SUL (MARCO)

Patrícia Nogueira Aguenta

Universidade Federal da Grande Dourados
Dourados – MS

Celi Corrêa Neres

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Campo Grande – MS

RESUMO O ensino de arte em sua trajetória histórica no Brasil recebeu várias interpretações, moldadas segundo as necessidades da sociedade. Revisitando o percurso histórico do ensino de arte no Brasil, da sua institucionalização à década de 1990, período em que o movimento de inclusão escolar se desencadeou a nível internacional, tendo como marco a Conferência Mundial de Educação para Todos (UNESCO, 1990) e a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994) é que, o trabalho pretende discutir o ensino da arte na educação formal e não formal para pessoas com deficiência como força motriz para a tão conclamada inclusão. Para tanto, recorreremos ao registro do ensino da arte no Brasil e sua intersecção com a educação das pessoas com deficiência, bem como a produção acadêmica da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas observando as principais perspectivas das pesquisas em arte para esse público. Por fim, faremos o registro de

experiência sobre acessibilidade até então inédita realizada no Festival de Inverno de Bonito em Mato Grosso do Sul, em sua 17ª edição (2016) por intermédio do acervo do MARCO, Museu de Arte Contemporânea de MS a fim de evidenciar a importância e o fortalecimento da pessoa com deficiência em espaços culturais.

PALAVRAS-CHAVE Acessibilidade. Arte. Museu.

ABSTRACT The teaching of art in its historical trajectory in Brazil received several interpretations, shaped according to the needs of society. Revisiting the historical course of art education in Brazil, from its institutionalization to the 1990s, a period in which the school inclusion movement started at an international level, with the World Conference on Education for All (UNESCO, 1990) as its The purpose of the Declaration of Salamanca (UNESCO, 1994) is to discuss the teaching of art in formal and non-formal education for people with disabilities as a driving force for the much-touted inclusion. To do so, we have recourse to the teaching of art in Brazil and its intersection with the education of people with disabilities, as well as the academic production of the National Association of Plastic Arts Researchers, observing the main perspectives of art research for the disabled person. Lastly, we will record the previously unseen accessibility experience held at the

Bonito Winter Festival in Mato Grosso do Sul, in its 17th edition (2016) through the MARCO collection, the Museum of Contemporary Art of MS in order to highlight The importance and empowerment of people with disabilities in cultural spaces.

KEYWORDS Acessibilidade. Arte. Museu.

RESUMEN La enseñanza de arte en su trayectoria histórica en Brasil recibió varias interpretaciones, moldeadas según las necesidades de la sociedad. Revisando el recorrido histórico de la enseñanza de arte en Brasil, de su institucionalización a la década de 1990, período en que el movimiento de inclusión escolar se desencadenó a nivel internacional, teniendo como marco la Conferencia Mundial de Educación para Todos (UNESCO, 1990) La Declaración de Salamanca (UNESCO, 1994) es que, el trabajo pretende discutir la enseñanza del arte en la educación formal y no formal para las personas con discapacidad como fuerza motriz para la tan aclamada inclusión. Para ello, recurrimos al registro de la enseñanza del arte en Brasil y su intersección con la educación de las personas con discapacidad, así como la producción académica de la Asociación Nacional de Investigadores en Artes Plásticas observando las principales perspectivas de las investigaciones en arte para la persona con discapacidad. Por fin, haremos el registro de experiencia sobre accesibilidad hasta entonces inédita realizada en el Festival de Invierno de Bonito en Mato Grosso do Sul, en su 17ª edición (2016) por intermedio del acervo del MARCO, Museo de Arte Contemporáneo de MS a fin de evidenciar La importancia y el fortalecimiento de la persona con discapacidad en espacios culturales.

PALABRAS CLAVE: Accesibilidad. Arte. Museo.

1 | INTRODUÇÃO

A arte sempre esteve interligada ao processo civilizatório como ferramenta substancial no desenvolvimento sociocultural das mais diferentes formas de organização humana e se encontra atrelada ao processo de formação do homem, nas suas relações de consumo, produção, além da transformação do modo de existência onde está inserida determinada cultura e contexto.

Para se apropriar da natureza, do meio social ou mesmo para se comunicar e representar a realidade circundante; o homem se utilizou das linguagens inerentes às artes. “Nos alvares da humanidade a arte era um instrumento mágico, uma arma da coletividade humana em sua luta pela sobrevivência” (FISCHER, 1981, p.44).

Além de documentar a existência e as relações humanas ela assinala papel importante no percurso da humanidade desde tempos remotos, ademais, os registros artísticos pela história da arte, demonstram a sua presença desde a antiguidade no cotidiano da pessoa com deficiência. Segundo Reily (2008) os sacerdotes de Karnak no Egito Antigo, ensinavam os cegos por meio da música, sendo uma das primeiras civilizações a documentar interesse pela educação e pelas condições sociais que

obstruíam a vida do indivíduo com deficiência que se pode exemplificar¹.

O ensino de artes, ao longo de sua trajetória histórica no Brasil, recebeu várias interpretações, moldadas segundo as necessidades da sociedade. Revisitando o percurso histórico do ensino de arte no Brasil, da sua institucionalização à década de 1990, período em que o movimento de inclusão escolar se desencadeou a nível internacional e nacional, tendo como marco a Conferência Mundial de Educação para Todos (UNESCO, 1990) e a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994) é que, o presente trabalho pretende suscitar discussão relativa ao ensino da arte e sua incursão na educação formal e não formal para pessoas com deficiência como força motriz para a tão conclamada inclusão. Para tanto, recorreremos ao registro do ensino da arte no Brasil e sua intersecção com a educação das pessoas com deficiência, bem como a produção acadêmica da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas observando as principais perspectivas das pesquisas em arte para a pessoa com deficiência. Por fim, faremos o registro de experiência sobre acessibilidade até então inédita realizada no Festival de Inverno de Bonito em Mato Grosso do Sul, em sua 17^a edição (2016) por intermédio do acervo do MARCO, Museu de Arte Contemporânea de MS a fim de evidenciar a importância e o fortalecimento da pessoa com deficiência em espaços culturais.

2 | O ENSINO DE ARTE NO BRASIL E A EDUCAÇÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

O ensino de arte no Brasil inicia-se com o modelo trazido pelos jesuítas com a finalidade de catequizar e aculturar os indígenas. O uso didático da arte estava condicionado aos exercícios realizados em oficinas através de técnicas manuais e corporais. Desta forma, reforçam Araújo e Silva (2007, p.4) que neste momento “[...] introduziu-se o ensino de arte como técnica, através de processos informais, estabelecendo-se uma separação entre o trabalho manual e o intelectual, com valorização da literatura, canto e dramatização, frente às atividades plásticas que poderiam seduzi-los pelos sentidos”. Infere-se que as estratégias artísticas empregadas pelos jesuítas, advêm de uma didática calcada na dissuasão de uma cultura existente por outra dominante, entranhada nas concepções do modelo mercantilista², vigente naquele contexto.

A influência dos jesuítas e a miscigenação cultural favoreceram o nascimento de

1 Segundo Reily (2008) a representação em baixo-relevo de harpistas cegos foi um dos temas recorrentes nos túmulos egípcios. Uma das pinturas mais antigas que se tem conhecimento se encontra na tumba de Antep, mural da 80^a dinastia do Egito, séc. XIV, a. C.

2 Segundo (HUNT, 1989) são as práticas econômicas preconizadas na Europa entre o século XV e o final do século XVIII em que a Europa atravessa por escassez de ouro. As principais características são a forte intervenção do Estado na economia, incentivo às manufaturas, protecionismo alfandegário, colônias de exploração, comércio colonial controlado pela metrópole e superávit da balança comercial.

um estilo artístico genuinamente brasileiro. O Barroco Brasileiro objetivava-se no uso de detalhados ornamentos, ricamente elaborados, entalhados em madeira cuja opulência se refletia nos afrescos e esculturas no interior das igrejas. Esse estilo, voltado para a prática religiosa por natureza tem na figura do escultor, Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho³ seu maior representante.

Entretanto, o ideário neoclássico, imposto pelos artistas da Missão Artística Francesa, liderada por Lebreton, mudaria rapidamente a visão oficial sobre a arte brasileira. A arte neoclássica, de caráter ornamental, uma releitura renascentista, foi marcada pelo retorno às proporções greco-romanas, largamente difundidas nas academias por toda a Europa; oficializando assim, a substituição da arte barroca pelo modelo estrangeiro. O ápice, da Missão Artística Francesa culmina com a criação da Academia Imperial de Belas Artes em 1816, considerada a primeira instituição formal do ensino de arte no Brasil. Guerra, Picosque e Martins (2010, p.10) reforçam ainda que:

[...] o ponto forte dessa escola era o desenho, com valorização da cópia fiel e a utilização de modelos europeus. O Brasil, especialmente em Minas Gerais, vivia naquele tempo a explosão do Barroco, mas o neoclassicismo trazido pelos franceses é que foi assumido pelas elites e classes dirigentes como o que havia de mais 'moderno'. A arte adquiriu a conotação de "luxo", somente ao alcance de uma elite privilegiada que desvalorizava as manifestações artísticas que não seguiam esses padrões.

Gradualmente, a substituição acarretou uma divisão mais proeminente entre artesão e artista, destinando seu ensino aos que frequentavam a Academia. O estilo neoclássico francês implantado no Brasil enunciava os pressupostos das academias pela Europa com ênfase no rigor técnico com supremacia do equilíbrio e harmonia das formas, ornamentação ostensiva refletida em opulentos adornos bem como a apropriação no uso de materiais. Ferraz e Fusari (1999, p.29 e 30) evidenciam que:

[...] nesse momento, as academias de arte procuravam atender à demanda de preparação e habilidades técnicas, gráficas, consideradas fundamentais à expansão industrial. Aqui como na Europa, o desenho era considerado a base de todas as artes, tornando-se matéria obrigatória nos anos iniciais de estudo da Academia Imperial. No ensino primário o desenho tinha por objetivo desenvolver também essas habilidades técnicas e o domínio da racionalidade. Nas famílias abastadas, as meninas, eram preparadas com aulas de música e bordado [...]

Barbosa (2002) observa, ainda que, na criação da Academia, a arte é reportada como acessório e ferramenta para modernização do setor industrial afastando o ensino de arte da realidade social ao difundir em seu interior, a concepção de arte como adorno, a ser reproduzida ostensivamente e o de assumir perante as diferenças de gênero, o ócio elegante.

O conceito de arte como técnica de atividade e expressão permearia o final do

3 O artista sofria de uma misteriosa doença degenerativa, que lhe valeu o apelido de "Aleijadinho". O seu corpo foi progressivamente se deformando, o que lhe causava dores contínuas; teria perdido vários dedos das mãos e dos pés, obrigando-o a andar de joelhos e a amarrar o cinzel nos pulsos para poder esculpir.

século XIX ao XX até meados de 1960. Neste período as indústrias começavam a ferver no país, o ensino do desenho se tornou a principal ferramenta para o ensino de arte nas escolas e para atender as demandas de preparação para o mercado de trabalho, pautado em habilidades técnicas e mão-de-obra especializada, importantes para a expansão industrial e a urbanização.

Com exaltação voltada para a técnica, herança da Missão Artística Francesa, a ideia de arte como ofício foi levada para as escolas técnicas para atender a expansão industrial, instaurando-se assim, o desenho geométrico. Sobre isso Fusari e Ferraz (1999, p.30) reforçam que:

Do ponto de vista metodológico, os professores, seguindo essa “pedagogia tradicional” (que permanece até hoje), encaminhavam os conteúdos através de atividades que seriam fixadas pela repetição e tinham por finalidade exercitar a vista, a mão, a inteligência, a memorização, o gosto e o senso moral. O ensino tradicional está interessado principalmente no produto do trabalho escolar e a relação professor aluno mostra-se bem mais autoritária. Além disso, os conteúdos são considerados verdades absolutas.

A partir da Lei educacional 5692, que institui a obrigatoriedade do ensino de Educação Artística nas escolas brasileiras, foi que o ensino de arte como atividade começou a ser desenvolvido. A criação dos cursos de licenciatura em educação artística com duração de dois anos surgiu por volta de 1973 convergindo para um ensino técnico, aparamentado na tendência pedagógica tecnicista. Fonseca (2009) destaca ainda que a disciplina era ministrada por professores de outras áreas devido à criação tardia das licenciaturas em educação artística, ficando muitas vezes a disciplina sob a responsabilidade de bacharéis em Belas Artes ou ainda por profissionais formados pela Escolinha de Artes do Brasil. Guerra, Picosque e Martins (2010, p.11) salientam ainda que “[...] a lei, determinando que nessa disciplina (educação artística) fossem abordados conteúdos de música, teatro e artes plásticas nos cursos de 1º e 2º graus, acabou criando a figura do professor único que deveria dominar todas essas linguagens de forma competente”.

O fazer pedagógico assumia um caráter mecânico cuja função era novamente a reprodução de conteúdos a serem assimilados pelos alunos, transformando os saberes em arte em meras atividades e equalizando o currículo. Fusari e Ferraz (1999, p.32) evidenciam ainda que nas aulas de arte “[...] os professores enfatizam um ‘saber construir’ reduzido aos seus aspectos técnicos e ao uso de materiais diversificados (sucatas, por exemplo), e um ‘saber exprimir-se’ espontaneístico, caracterizando pouco compromisso com as linguagens artísticas”.

Devido à ausência de bases teóricas fundamentadas, depreende-se neste momento, a efervescência do fazer e do saber artístico na recorrência do uso de manuais para as aulas, acabando por valorizar as propostas dos livros didáticos (empregados até hoje), com qualidade discutível como recurso ao aperfeiçoamento dos conceitos artísticos.

O crescimento econômico do país e o incremento industrial, após o golpe 1964,

fizeram com que as tendências pedagógicas do ensino de arte como atividade e como expressão convivessem lado a lado. O país atravessava a ditadura e com ela, o projeto educacional fundamentado em manuais técnicos, permeados pelo ideário da educação moral e cívica, relacionando o ensino de arte às datas comemorativas, descaracterizando-o. A educação no período ditatorial, fez com que o ensino de arte assentasse na utilidade, no acessório traduzido na confecção de adornos destinados ao espaço escolar bem como na celebração de datas cívicas com produção de objetos alusivos às mesmas, sem um fim histórico-social. Os exercícios repetitivos sem finalidade, deixando os alunos livres para criarem, contribuíram para o assentamento dessas bases, vulgarizando o ensino de arte na escola.

O marco para ruptura do ensino de arte centrado na técnica voltando atenção para a criatividade e a expressão aconteceria com a Semana de Arte Moderna de 1922 e as metodologias em torno do Movimento das Escolinhas de Arte que segundo Varela (1986) também seriam responsáveis pela formação de professores de arte. A Semana também simbolizou a ruptura com uma estética importada voltando o olhar para a cultura brasileira.

Na década de 1930, com influências ampliadas e disseminadas nos anos de 1950 e 1960, surge o movimento denominado Escola Nova ou Renovada, centrada no aluno, direcionando o ensino de arte para a livre expressão com valorização do processo de trabalho. A tarefa do professor era oportunizar que o aluno se expressasse de maneira pessoal e espontânea, valorizando a criatividade como máxima no ensino de arte. Fusari e Ferraz (1999, p.31) reforçam ainda que:

Sua ênfase é a expressão, como um dado subjetivo e individual em todas as atividades, que passam dos aspectos intelectuais para os afetivos. A preocupação com o método, com o aluno, seus interesses, sua espontaneidade e o processo do trabalho caracterizam uma pedagogia essencialmente experimental, fundamentada na Psicologia e na Biologia.

No bojo dessas mudanças, a educação recebeu influências de pesquisas do ramo da psicologia por educadores e psicólogos norte-americanos, transferindo o foco da transmissão do conhecimento ao interesse dos sujeitos em aprender, deixando profundas marcas no ensino de arte.

Neste momento o enfoque se centra no processo de aprendizado ao invés de se preocupar com o rigor técnico. John Dewey e Herbert Read são os estudiosos que influenciaram acentuadamente esse movimento no país. Muitas de suas obras foram disseminadas por Anísio Teixeira, um dos principais tradutores do pensamento de Dewey no Brasil. Seus estudos enfatizavam a experiência como ponto principal na aquisição do conhecimento em que o professor deveria então, oportunizar a criança, condições para resolver por si própria os seus problemas. Já Viktor Lowenfeld enfatiza os estágios de desenvolvimento da capacidade criadora na criança, onde analisa o ensino de desenho e a arte infantil.

A arte como expressão é defendida na época por artistas como Anita Malfatti

e Mário de Andrade que desenvolviam um trabalho de ensino de arte para crianças em oficinas cujo preceito se aliava ao estudo de técnicas em artes plásticas para potencializar a expressividade infantil.

Augusto Rodrigues em 1934 inaugura o Movimento Escolinhas de Artes (MEA), com a criação da Escolinha de Arte do Rio de Janeiro, cujo âmago alicerçava-se na valorização da arte produzida por crianças, fundamentando suas ações no ideário de Dewey. O professor tinha como ímpeto o aprimoramento perceptivo-expressivo infantil com ênfase no desenho e na pintura. Outras escolinhas de arte foram fundadas no país como a Escolinha do Recife, coordenada por Noêmia Varela, influenciando muitas gerações de professores.

Segundo Azevedo (2000) um outro valor em destaque neste contexto foi a democratização da Arte através da dessacralização da obra de arte, valorizando a ideia de que todas as crianças, em potencial, eram capazes de produzir e de expressar-se por meio dela, inclusive as crianças com deficiência.

Campos (2003) e Reily (2008) destacam a valorização da arte na educação do aluno deficiente no trabalho pioneiro da psicóloga russa, Helena Antipoff, ao instituir a Sociedade Pestalozzi (Belo Horizonte, 1932) e a Fazenda do Rosário (Ibirité – Minas Gerais, 1940) onde oficinas de cerâmica e artesanias faziam parte das propostas dos Institutos como forma de incentivar a capacidade criativa. Reily (2008, p.221) ainda evidencia:

Noêmia Varela também trabalhou com arte durante muitos anos com alunos com deficiência mental de 1949 a 1957, na Escola Especial Ulisses Pernambucano, em Recife, bem como na formação de educadores (Varela, 1986). Merece ser investigada a proposta de ensino de arte para crianças desenvolvida por Anita Malfatti, com o apoio de Mário de Andrade, na Biblioteca Municipal de São Paulo. A artista apresentava uma deficiência congênita de significativa atrofia do braço direito, que fora um fator-chave na sua carreira, tanto no sentido de mobilizá-la a buscar modos adaptados de produção plástica, quanto da discriminação que sofreu por parte de expoentes da época (como Monteiro Lobato). Dada a sua experiência pessoal como pintora deficiente, perguntamo-nos se Anita não teria recebido uma grande diversidade de alunos no trabalho realizado na biblioteca, incluindo alunos com deficiência.

Ainda sobre o trabalho de Helena Antipoff, a primorosa dissertação de mestrado da professora de arte, Almeida (2013) investigou o ensino de arte no Complexo Educacional da Fazenda do Rosário, Ibirité, Minas Gerais por meio da análise documental de escritos e manuscritos de Antipoff, correspondências trocadas com colaboradores e autoridades, jornais e periódicos institucionais, folders de divulgação de exposição de arte, fotos tiradas durante visitas de artistas e livro de registro de alunos e professores.

Nesta perspectiva Almeida (2013), investigou o ensino de arte na instituição, entre 1940 e 1950, com foco na identificação de uma rede de colaboradores que contribuíram para que a educadora russa desenvolvesse a integração entre arte, educação com o ideário da Pedagogia Nova. O autora destaca que a relação estabelecida entre Antipoff e

o professor de arte Augusto Rodrigues foi parceria fundamental para o desenvolvimento dos processos de ensino de arte na Fazenda do Rosário. A parceria segundo Almeida (2013) remete à fundação da Sociedade Pestalozzi do Brasil (1945), implantada por Antipoff e colaboradores e da Escolinha de Arte do Brasil (1948), fundada por Augusto Rodrigues com apoio da professora, quando esta atuou no Ministério da Saúde no Rio de Janeiro entre 1944 a 1949. Por meio de colaboradores, (ALMEIDA, 2013) destaca que Antipoff estabeleceu parcerias que oportunizaram ainda desenvolver um ensino de arte para atender tanto às crianças, adolescentes e adultos da comunidade local, quanto à formação de professores no meio rural.

Os documentos consultados por Almeida (2013) sinalizam uma intensa jornada a favor dos trabalhos de arte desenvolvidos na Fazenda por meio dos cursos realizados na própria instituição, por convênios para atender à formação de professores que se deslocavam tanto para a Escolinha de Arte quanto para a Pestalozzi do Brasil em que o professor Augusto Rodrigues atuou. Conclui que no complexo da Fazenda, houve grande gama de atividades artísticas como trabalhos manuais, com a utilização de matéria-prima local, por meio de oficinas de cerâmica, bambu, fibras naturais, carpintaria e entalhe em madeira; produção têxtil em teares manuais; assim como o desenvolvimento do teatro de bonecos, indicado como atividade recreativa, de uso pedagógico nas escolas.

Pela dissertação de Almeida (2013) observa-se não somente a seriedade com que Helena Antipoff encarava os processos educacionais pela arte na Fazenda do Rosário, bem como o grande esforço da professora russa, em patrocinar a vinda inclusive de artistas e professores tanto do país quanto do exterior que acabaram se tornando grandes colaboradores para que o ensino de arte atingisse a comunidade daquele contexto, trazendo melhorias sociais. Depreende-se ainda a preocupação de Helena com a educação de crianças e adultos tendo por base as oficinas artísticas, bem como o caráter de um ensino de arte multiplicador refletido na formação de professores para atuarem no meio rural.

Diante do exposto até aqui, é possível considerar que as crianças com deficiência na aula de arte é bastante recente, no que tange ao movimento modernista à entrada dessa disciplina, sob o rótulo de “Educação Artística” a partir de 1971 nas escolas. Ou seja, a história do ensino de arte na educação especial é incipiente. Observa-se também uma série de desvios quanto ao propósito do ensino de arte na escola. Guerra, Martins e Picosque (2010, p.11) reforçam que:

De fato, uma série de desvios vem comprometendo o ensino de arte. Ainda é comum essas aulas serem confundidas com lazer, terapia, descanso das aulas ‘sérias’, o momento para fazer a decoração da escola, as festas, comemorar determinada data cívica, preencher desenhos mimeografados ou retirados do computador, fazer o presente do Dia dos Pais, pintar o coelho da Páscoa e a árvore de Natal. Memorizam-se algumas ‘musiquinhas’ para fixar conteúdos de Ciências, fazem-se “teatrinhos” para entender os conteúdos de História e ‘desenhinhos’ para aprender a contar.

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino de Arte (1996) “[...] identificar a área por arte e de incluí-la na estrutura curricular como área com conteúdos próprios ligados à cultura artística, e não apenas como atividade”. A arte é fundamental no seio escolar, principalmente porque é fundamental na sociedade, é conhecimento historicamente construído pelo homem ao longo de toda a sua trajetória. Tratá-la como conhecimento é preceito fundante que vem sendo desenvolvido por muito tempo pelos professores de arte e artistas. Um dos requisitos para qualquer nação que tenha pretensões de obter valores culturais seria a criação de um sistema educacional com capacidade de oferecer a todos uma ampla educação estética.

Na atualidade, o ensino de arte, tem como ponto de referência a década de 1980 com as pesquisas da professora de arte Ana Mae Barbosa em torno da Proposta Triangular⁴ e as lutas da classe diante do Conselho Federal de Educação em 1986 que segundo Barbosa (2009) eliminou a arte do currículo escolar. Foi na década de 1990 que o ensino de arte nas escolas se tornou obrigatório com a Lei 9.394/96 e os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs foram aprovados, mesmo momento em que eclodiu também o movimento de inclusão de alunos com deficiência no ensino comum. Não que em momentos anteriores na escola não existissem crianças com deficiência, mas essa ocorrência se caracterizava como exceção, pois a vertente médico-psicológica as incorporava no ensino especializado segundo Bueno (2008) e Reily (2010).

Lançar este olhar pela trajetória do ensino de arte é necessário tanto para identificarmos as várias tendências pedagógicas e os desvios possíveis de se identificar nas práticas atuais; como também inferir a sua relação tardia com a educação especial que segundo Reily (2010) ainda engatinha quando o assunto se refere à produção de conhecimento.

3 | ARTE-EDUCAÇÃO E AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: O QUE APONTAM AS PESQUISAS

Para elucidar as produções acadêmicas no campo das artes plásticas e suas referências às ações educativas com as pessoas com deficiência, foi realizada uma busca por produções nos anais da ANPAP (Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas), no Comitê de Ensino-Aprendizagem da Arte e posteriormente Comitê de Educação em Artes Visuais disponíveis pela associação onde contemplam os anos de 2007 a 2016. Tendo como palavras-chave: arte, arte-educação, educação inclusiva, educação especial, inclusão, cegueira, foi encontrado um total de 23 produções que relacionam arte e deficiência.

4 A Proposta Triangular consiste na relação entre o fazer artístico, a contextualização histórica e a análise da obra de arte.

O levantamento realizado demonstrou que entre as 23 produções encontradas, 17 foram propostas por professores de arte, 02 por comunicólogos visuais, 01 por um professor de letras, 01 por um publicitário, 01 por um fisioterapeuta juntamente com um pedagogo e um professor de arte e 01 por um comunicólogo e um professor de arte.

Quanto à deficiência pesquisada, 13 produções abordam a deficiência visual, 04 a deficiência auditiva, 02 a deficiência intelectual, 01 aborda a deficiência auditiva e a visual, 03 produções abordam a inclusão e a arte e 01 aborda a deficiência física; sensorial e intelectual. O levantamento apontou que 09 produções tiveram como contexto a escola comum, sendo as demais desenvolvidas em museus, instituições especializadas e universidades.

Quanto à metodologia de pesquisa, a abordagem qualitativa foi a mais abundante nos trabalhos encontrados, evidenciando o uso de observações, questionários e narrativas como se observa no quadro abaixo.

Pesquisador	Ano	Título	Deficiência Pesquisada	Formação do pesquisador
AMARAL, Maria das Vitórias Negreiras do; FREITAS, Alessandra Menezes Machado de	2007	Educação e artes aliadas para inclusão de educandos surdos	Auditiva	Pedagogia
ARAÚJO, Haroldo de	2007	Experiência com deficientes visuais, em projeto de pesquisa e extensão: Despertou a paixão pela busca de um ensino de artes acessível a todos	Visual	Arte
COSTA, Robson Xavier da	2008	Ensino de arte e educação inclusiva	Inclusão	Arte
FERNANDES, Vera Lúcia Penzo	2008	Criatividade e educação inclusiva no ensino de artes visuais	Educação Inclusiva	Arte
QUEIROZ, Anna Karenina Gomes de	2008	Arte como ferramenta de inclusão social e educacional	Intelectual	Arte
BATISTA, Marina Fenício Soares; RIZZI, Maria Christina de Souza Lima	2010	Museu da imagem e do som: iniciativas de inclusão	Acessibilidade	Arte e Terapia Ocupacional
CIRILLO, Aparecido José; COSTA, Rosa da Penha Ferreira da; RODRIGUES, Maria Regina	2010	A cidade e seus fluxos: artes e cultura na educação especial	Inclusão	Arte
LIMA, Marlíni Domeles de; ROCHA, Deizi Domingues da	2010	Dançando a corporeidade da pessoa com deficiência visual: Um relato de experiência a partir da pesquisa ação	Visual	Educação Física
LIMA, Marlíni Domeles de; TERRA, Alessandra Matos; TONIETTI, Diego Ferreira	2010	Trabalhando com a dança na escola na perspectiva da inclusão	Inclusão	Educação Física

PUCETTI, Roberta	2010	Arte, educação e inclusão, por um olhar diferente	Inclusão	Arte
RABELLO, Roberto Sanches	2010	Ensino de arte e educação inclusiva: atendimento ao aluno com deficiência visual em escolas públicas de Salvador	Visual	Artes Cênicas
SILVA, Andreza da Nóbrega Aruda	2010	Áudio-descrição: Tecnologia assistiva e educacional no teatro	Visual	Arte
VALE, Cassia do; REY, Ketheley Leite Freire	2010	Projeto dia: Diversidade, inclusão e arte um caminho possível em educação inclusiva	Educação Inclusiva	Arte, Letras e Pedagogia
ALMEIDA, Marilene Oliveira	2011	Contribuições da perspectiva educacional de Helena Antipoff para o ensino de arte em Minas Gerais: Fazenda do Rosário (1940 – 1970)	Escola Nova	Normal Superior
KIRST, Adriane Cristine; SILVA, Maria Cristina da Rosa Fonseca da	2011	Educação Inclusiva e Arte: A construção de uma trajetória	Inclusão	Arte
MENEZES, Flávia Andresa Oliveira de; SILVA, Josiane de Jesus da	2011	Arte na Educação Especial: Experiências e Possibilidades	Educação Inclusiva	Arte
FREITAS, Ana Cláudia de Oliveira	2012	Tocar para ver: Relato de experiência – Artes Visuais, com foco na pessoa com deficiência visual	Visual	Arte
GOMES, Elida Strazzi Moreira; ISHII, Bianca Iatalesi; MORAES, João Lúcio de; OLIVEIRA, Patrícia da Costa Borges; TOMASULO, Adriana Iniesta	2012	O coral cênico da APAE de Mogi das Cruzes: O fazer artístico como elemento de inclusão social	Inclusão	Psicologia, Fisioterapia, Comunicação Social e Fonoaudiologia
MOTA, Marina Alves	2012	O ensino da dança para o deficiente visual	Visual	Educação Física
NÓBREGA, Andreza	2012	Mediação inclusiva: A áudio-descrição abre as cortinas do teatro para pessoa com deficiência visual.	Visual	Arte
OLEQUES, Liane Carvalho	2012	Ensino da Arte: Ensinando desenho a crianças com deficiência intelectual	Intelectual	Arte
PUCETTI, Roberta	2012	Perfil e formação do professor de arte de Londrina: O desafio da educação inclusiva	Inclusão	Arte

Quadro 1: CONFAEB 2007 - 2016

A seguir, seguem as pesquisas encontradas que abordam o ensino de arte e o aluno cego. Optou-se por evidenciar as pesquisas em torno da cegueira e o ensino de arte, dadas as condições extremamente imagéticas que envolve o fazer artístico, suas representações tanto figurativas quanto abstratas e as linguagens mais tradicionais da arte como a fotografia, o desenho, a pintura e a escultura.

A professora de arte Silva (2007) por meio de um estudo de caso objetivou identificar concepções sobre inclusão no campo da arte e o uso de objetos pedagógicos em sala de aula de uma escola pública em Florianópolis. A pesquisadora observou a prática de uma professora de arte quanto à adaptação de situações de aprendizagem com a presença de uma aluna com baixa-visão. Silvia (2007) constatou o esforço da professora em construir a participação de todos os alunos, adaptando modelos tradicionais das artes visuais para novas situações, ampliando-se possibilidades de interação coletiva. A pesquisadora ao observar a prática dessa professora no uso de materiais pedagógicos adaptados por ela, aponta a colaboração que esses materiais mediados pela docente exercem de modo a favorecer uma prática coletiva e de respeito à alteridade.

A fisioterapeuta Boos, a pedagoga Maiola e a professora de arte Silveira (2009) objetivaram refletir como se dão as ações de inclusão de alunos cegos e professores nas aulas de artes visuais em escolas públicas municipais de Blumenau. A pesquisa qualitativa teve como instrumento a entrevista semiestruturada onde as educadoras constataram que as relações inclusivas entre os alunos se deram a partir da convivência com as diferenças, e que para trabalhar as artes visuais com educandos cegos, é fundamental que ocorram mudanças, principalmente na apropriação estética-cultural mediada pelo professor.

Por intermédio da pesquisa bibliográfica aliada a entrevistas e observações, a comunicóloga Cardeal (2008) objetivou investigar a ilustração tátil de imagens presentes em livros em relevo⁵ e sua apreensão por crianças cegas em Santa Catarina; bem como problematizar a produção e a maneira como tal aparato vem sendo utilizado, analisando possibilidades e limitações. A pesquisadora observa que é na construção da imagem interna e das suas complexas diferenças que se pode compreender o caráter funcional da ilustração tátil. Segundo Cardeal (2008) o objeto dinâmico desse tipo de ilustração pode se conectar ao texto ou se tornar um simples acessório.

Por meio de uma pesquisa de opinião com dez adultos cegos, a professora de arte, Valente (2008) objetivou analisar questões perceptivas, comunicacionais e cognitivas associadas à fabricação de desenhos táteis para pessoas cegas. A análise levou a pesquisadora a ressaltar a necessidade em adaptar esses conteúdos ao

5 Segundo (CARDEAL, 2008, p.1249), “[...] estas obras vêm sendo chamadas de “livros inclusivos”, por trazerem simultaneamente o texto e a ilustração em tinta, o texto em Braille e as ilustrações em relevo [...]”.

contexto perceptivo dos cegos e ao sistema de leitura tátil.

A professora de arte e comunicóloga visual, respectivamente, (DUARTE e PIEKAS, 2009) objetivaram investigar as possibilidades comunicacionais e educacionais da aprendizagem do desenho por crianças cegas. A pesquisa foi dividida em duas frentes: a primeira apresentou as respostas obtidas após a experimentação de desenhos táteis, em entrevista estruturada com três crianças cegas e um adolescente cego. A segunda, as descobertas de uma jovem de 13 anos, cega, após uma sessão de desenho. (DUARTE e PIEKAS, 2009) verificaram que o repertório gráfico dos participantes é limitado, e que, a causa provável, seja a ausência de atividades com desenho, exigindo tanto dos docentes quanto da família uma nova postura no processo de ensino da criança cega.

As professoras de arte Kirst e Silva (2009) objetivaram analisar a formação estética da pessoa com deficiência em museus e nas escolas tendo como mediação dessa relação a arte contemporânea. Concluem que a educação da pessoa cega ainda é um desafio a ser enfrentado e que a temática não adentrou a escola, espaços culturais e que é preciso solidificar inclusive o âmbito da pesquisa. Quanto a isso, (KIRST e SILVA, 2009) consideram que a formação de professores é um dos aspectos a ser reforçado nesse processo e que as licenciaturas devem ampliar a formação do professor para a diversidade que se acentuou na escola. Observam as pesquisadoras que os espaços culturais apresentam papel importante na democratização ao acesso de públicos especiais e que a arte contemporânea é uma estratégia de percepção do contexto atual. Segundo as pesquisadoras, o setor educativo presente nos museus, por meio da mediação, amplia o universo perceptual, estético e simbólico das pessoas com deficiência. No entanto, salientam que para isso é necessário que ocorra uma ação curricular alinhada entre esses espaços e a escola.

Kirst e Silvia (2009) observam que para o conhecimento estético da pessoa cega seja ampliado, é necessária a construção de ferramentas que promovam a sua participação, como, maquetes táteis, jogos, materiais diversificados e objetos do cotidiano que estimulem a zona de desenvolvimento proximal. Finalizam a pesquisa reforçando que o ensino da arte contemporânea deve ser trabalhado em todos os âmbitos da escolarização e na formação docente como forma de ampliar o acesso desses alunos à produção atual.

A professora de arte Mello (2009) pesquisou sobre as propriedades do sistema háptico e os caminhos percorridos pelas pessoas cegas do Instituto Antônio Pessoa de Queiroz, por intermédio de atividades com texturas e ações para o aprimoramento da linguagem visual do cego em projetos de instalação artística.

A professora de arte Duarte (2010) apresenta três historinhas geométricas que constituem uma proposta de ensino de desenho por meio da percepção tátil. Por intermédio de pesquisa teórica e documental, Duarte (2010) discute como ensinar desenho às crianças cegas.

As professoras de arte, Kirst, Simó e Silvia (2010) apresentam o resultado de

estudos desenvolvidos ao longo de 2008 e 2009 do Grupo de Pesquisa: Educação, Arte e Inclusão da Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC) , tendo por base a criação e o desenvolvimento de materiais didáticos, os chamados objetos pedagógicos, propostos no ensino de arte para crianças com deficiência auditiva e visual em oficinas realizadas em sala de aula comum. As pesquisadoras constataram que os objetos “reúnem características que aproximam os estudantes dos conteúdos de arte, além de possibilitar uma participação da criança com deficiência no conteúdo curricular em condições de igualdade com o restante da turma, os objetos ampliam a capacidade do professor de estruturar a sua prática pedagógica” (KIRST; SIMÓ e SILVA, 2010, p.1869).

As pesquisadoras reforçam ainda que a aprendizagem da arte na perspectiva da educação inclusiva deva considerar a heterogeneidade, respeitando as diferenças e não a um grupo homogêneo, em que se aprende ao mesmo tempo e à mesma maneira. Finalizam os resultados salientando que os materiais adaptados são importantes na ampliação de oportunidades de aprendizagem para todos os alunos.

Os publicitários, Oliveira e Silvia (2010) apresentam reflexões sobre a importância da arte para a pessoa com deficiência visual e sua relação com a fotografia, colocando-se no lugar daqueles que não enxergam ao participarem de uma performance artística.

A professora de arte, Silvia (2010) objetivou demonstrar em pesquisa realizada entre 2008 e 2009 pelo Grupo de Pesquisas da UDESC: Educação, Arte e Inclusão; a construção de objetos pedagógicos a fim de ampliar a aprendizagem da arte contemporânea para crianças com deficiência visual. Utilizou como metodologia a pesquisa qualitativa e analisou as experiências registradas no diário da professora de arte da sala, as observações e filmagens feitas. A pesquisadora constata que a mediação do professor de arte amplia as interações na construção do grupo e na desconstrução do conceito de deficiência como algo que desqualifica o outro. A adaptação e construção de objeto pedagógico possibilitou a todos os alunos participarem das atividades propostas.

A professora de arte Duarte (2011) discute o ensino do desenho para crianças com deficiência visual em uma creche do município de Florianópolis. Por meio de estudo de caso com uma criança com deficiência visual, a professora de arte apresenta três histórias com narrativas que enfocam os elementos básicos da linguagem do desenho como linhas e formas geométricas, a fim de constituir assim, uma proposta de ensino de desenho por meio da percepção tátil.

A pesquisadora constatou que o ensino de desenho tátil baseado nas histórias, demonstrou ser benéfico e produtivo quanto ao desenvolvimento cognitivo, perceptual e comunicacional. Entretanto, evidencia que existe ainda um longo percurso a fim de tornar as imagens acessíveis às crianças cegas e que as respostas não são dadas na urgência como a legislação se apresenta.

A comunicóloga Piekas (2011) relata parte da investigação da professora de arte, Maria Lúcia Batezat Duarte a respeito do desenho infantil para crianças cegas.

Apresenta os dados levantados, de 1995 até 2009, em especial, a pesquisa longitudinal com Manuella, uma garota cega. (PIEKAS, 2011) verificou que a escassez de estudos nessa área, pode fazer com que a pesquisa da professora de arte supracitada contribua para a discussão em torno de uma metodologia para o ensino do desenho no âmbito da cegueira.

Mesmo que o aluno com deficiência na escola comum e fora dela bem como o cotidiano docente para com esses alunos serem a tônica das políticas públicas (CF, art. 208 inc.III; LDB, nº9394/96, art.58), de documentos internacionais (Declaração de Salamanca 1994) e discussões educativas dos últimos tempos, em espaços de educação formal e não formal, a produção de pesquisas e estudos envolvendo o ensino de arte e a educação especial na escola e fora dela é escassa. Parece que o professor de arte não divulga a sua prática e a de seus pares. Reily (2010, p.82) evidencia:

Neste momento é preciso reconhecer que existe uma lacuna muito grande entre a prática em arte com públicos especiais e a produção de literatura sobre o assunto. Não chega a uma dezena o número de livros publicados no Brasil que aborda os fazeres em artes plásticas com pessoas com deficiência, entre os quais constam Bavcar (2003), Reily (1986, 2001), Francisquetti (2005) e Lopes (2008).

Ficou evidente a ausência de materiais adaptados no ensino de arte, pouca articulação entre os professores de arte com o serviço educacional especializado. As produções acadêmicas em arte precisam ser divulgadas e socializadas para então fornecer suporte para pesquisas futuras que se articulam com a proposta da educação inclusiva. A divulgação e a socialização sobre o tema podem proporcionar mudanças significativas na área, visibilidade, bem como a maneira com que a sociedade percebe os direitos das pessoas com deficiência.

O levantamento demonstra carência no que se refere a pesquisas sobre o ensino de arte no contexto da educação especial para a pessoa com deficiência o que prejudica a própria área de conhecimento. Por outro lado, evidencia a preocupação dos pesquisadores em arte por caminhos metodológicos que viabilizem a prática do ensino dessa disciplina para o aluno cego como os objetos pedagógicos adaptados, tátil e em relevo, tecnologias assistivas e recursos de acessibilidade.

Assim, retratar experiências em arte inclusão de pessoas com deficiência e divulgá-las torna-se fundamental para difusão de conhecimentos e alargamento das possibilidades educacionais em espaços formais e não formais de ensino.

4 | PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E A ARTE: RETRATANDO UMA EXPERIÊNCIA EDUCATIVA NO 17ª FESTIVAL DE INVERNO DE BONITO/MS PELO ACERVO DO MARCO – MUSEU DE ARTE COTEMPORÂNEA DE MS

O Museu de Arte Contemporânea de Mato Grosso do Sul (MARCO) é uma

unidade da Gerência de Patrimônio Histórico e Artístico da Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, criado por intermédio do Decreto nº 6266 de 17 de Dezembro de 1991. Seu acervo tem origem na Pinacoteca Estadual, com os prêmios aquisitivos dos salões de arte realizados a partir de 1979, através de doações espontâneas de artistas, colecionadores, instituições culturais e por intermédio de editais lançados anualmente.

Por meio do MARCO é possível traçar um panorama histórico e iconográfico das artes plásticas fortalecendo a instituição como importante centro de fomento, debate e reflexão sobre a contemporaneidade. O MARCO tornou-se, ao longo de seus 25 anos de história, palco de importantes exposições, revelou artistas para o cenário nacional e internacional, sendo considerado centro de referência para as artes plásticas em Mato Grosso do Sul. Inaugurada em 2002, a nova sede do MARCO deu novo impulso ao movimento artístico do Estado graças às possibilidades da organização de calendários anuais com um número maior de exposições e estreitando ainda mais o diálogo com outras regiões do país e da América do Sul, fortalecendo a divulgação da produção artística local, respeitando e valorizando a diversidade de linguagens e temas contribuindo significativamente desta forma para a consolidação da arte e da cultura desse Estado.

Ao longo de sua trajetória o MARCO produziu mais de 450 exposições com mais de 400 artistas totalizando um público de 150.000 visitantes. Atualmente compõe-se de aproximadamente 1500 obras em diversas modalidades artísticas, incluindo um conjunto significativo de obras que registram o percurso das artes plásticas em Mato Grosso do Sul, do princípio aos dias atuais com destaque para as pinturas da “Série Divisão do Mato Grosso” do artista sul-mato-grossense, Humberto Espíndola, consagrado internacionalmente (centro das discussões do presente estudo).

O artista Humberto Espíndola é pintor e desenhista e que tem na representação bovina, um signo de forma a reler socialmente sua terra natal, sua produção plástica “[...] que parte do tema boi, visto como símbolo da riqueza de Mato Grosso realiza em *Bovinocultura* um retrato sarcástico da sociedade, que é principalmente moeda e símbolo de poder” (CULTURAL, S/D).

Desta forma, prestigiar a relevância cultural do artista e de seu fazer artístico é que o MARCO realizou a 6ª edição de seu projeto, MARCO nos Festivais, para o tradicional Festival de Inverno de Bonito que em 2016 chegou a sua 17ª edição. O museu levou um pequeno recorte de seu precioso acervo tendo por objetivos estimular a interpretação crítica por meio da arte, iniciar as comemorações dos 40 anos de criação do Estado de Mato Grosso Sul, nesta série de oito pinturas do artista que narra esse momento importante da história desse Estado bem como o de celebrar os 50 anos de carreira de Humberto Espíndola.

O Festival de Inverno de Bonito faz parte do calendário anual de eventos do Governo do Estado de Mato Grosso do Sul que reuniu mais de 1.200 atividades desde sua criação nas mais variadas linguagens artísticas, entre atrações nacionais e regionais com um repertório que contempla todas as idades, reunindo música popular

brasileira, artes visuais, teatro, dança, circo, cinema; fortalecendo a riqueza cultural e os processos criativos dos artistas brasileiros tendo como cenário a cidade de Bonito, conhecida por suas belezas naturais.

O grande mote da 17ª edição do Festival de Inverno de Bonito em 2016 foi a celebração da diversidade natural e cultural. O MARCO como espaço de educação não-formal ao idealizar suas atividades expográficas e educativas com intuito de cumprir com a sua missão na democratização do acesso à arte apresentou no layout⁶ de sua galeria localizada em plena Praça da Liberdade em Bonito estrutura física para a realização das visitas mediadas a todas as pessoas como se evidência pelas fotos a seguir:



Foto 1 Galeria com as obras do acervo do museu

Foto: Kelly Gonçalves

6 Palavra de origem inglesa que significa plano, arranjo, esquema, design, projeto que engloba elementos como texto, gráficos, imagens e a forma como eles se encontram em um determinado espaço.



Foto 2

Foto: Kelly Gonçalves

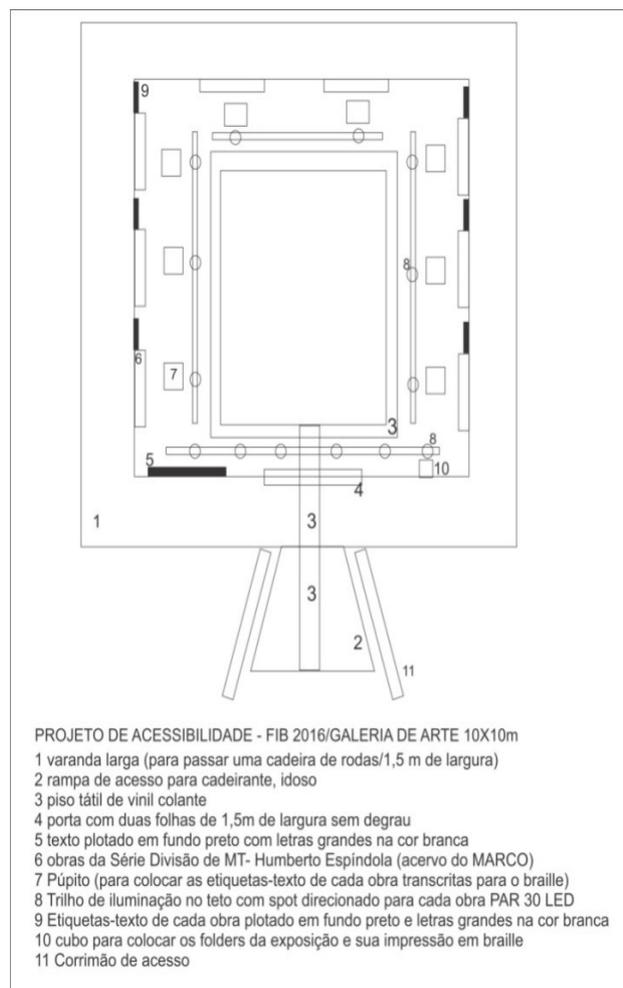


Foto 3 Planta Baixa/acervo do MARCO

A 17ª Edição do Festival de Inverno de Bonito trouxe pela primeira vez em sua programação recursos de acessibilidade, tais como a áudiodescrição⁷, textos em braile, tradução em Libras e a reprodução das pinturas do acervo do MARCO em alto relevo por intermédio da parceria da arte educadora e técnica da Assessoria de Projetos da Secretaria de Cultura e Cidadania do Estado de Mato Grosso do Sul (SECC - MS), Ivone dos Santos; da áudio-descritora, Cândida Alves do Centro de Apoio Pedagógico ao Deficiente Visual (CAP-DV/MS), da direção e dos educadores do Programa Educativo⁸ do museu bem como o apoio do Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com surdez (CAS/MS) que cedeu as intérpretes de Libras, Luciane Gonçalves da Rosa Parreira e Tamires Bessa.

Os recursos de acessibilidade são indubitavelmente, para as pessoas com deficiência, as portas de acesso a toda riqueza socialmente construída como a arte. Mesmo que a acessibilidade seja a tônica das políticas públicas; destaca-se que só após tantas edições do Festival de Inverno de Bonito, somente em 2016 ela se materializou de fato.

Urge a necessidade de se pensar a acessibilidade ao mesmo tempo em que se desenvolvem todas as ações sejam de natureza física-estrutural como educativas para que sejam fortalecidas as políticas públicas culturais, o sentido de pertencimento dessas pessoas nesses espaços de educação não-formal favorecidos em parte pela autonomia que esses recursos oferecem. Evidencia ainda (NERES, 2010) que mesmo estando a pessoa com deficiência no mesmo espaço físico que as demais pessoas sem deficiência, se as práticas educativas não forem transformadas no coletivo de modo a atender as especificidades de cada uma delas, incorre-se na sua exclusão funcional. Sem participar efetivamente das atividades culturais e verdadeiramente incluídos em todo processo que demanda a organização de um festival dessa envergadura, a pessoa com ou sem deficiência não se beneficiará da inclusão que se propõe pelas políticas públicas atuais.

No caso da cegueira⁹ e os espaços para mostras de arte, essencialmente visuais

7 Trata-se de uma narração para as pessoas com deficiência visual, onde podem ser incluídas a televisão, o cinema, a dança e as artes visuais. Consiste num narrador que fala durante a apresentação, descrevendo o que acontece durante as pausas naturais do áudio, diálogos, quando necessário.

8 O Programa Educativo é um setor do MARCO que visa atender às escolas, públicas ou privadas, público espontâneo, através de mediações às salas de exposições temporárias e acervo; proporcionar vivências plásticas por meio de oficinas após a visita; planejar, coordenar cursos, palestras, workshops, projetos e outros eventos voltados à arte contemporânea; estimular a capacidade crítica e interpretativa por meio da arte; divulgar a arte de Mato Grosso do Sul e as obras do acervo do museu possibilitando o acesso ao patrimônio artístico cultural, além de formar público apreciador de arte. As visitas educativas realizadas pelas arte educadoras do MARCO, estabelecem relações de diálogo com os diversos públicos promovendo a ressignificação acerca das obras observadas durante as visitas pelos participantes. O grupo é acompanhado pelas arte educadoras que em estudo contínuo se preparam para adequar a sua prática de modo a atender as peculiaridades do visitante. A visita gira em torno da leitura de imagem das obras em cartaz no MARCO.

9 Conforme Bruno (1999) esse conceito a dois grupos diversos: cegueira e baixa visão (congenita ou adquirida), ou visão subnormal, sendo que a primeira se refere à perda total da visão em ambos os olhos ou percepção luminosa e que segundo o Código Internacional das Doenças (CID) considera a acuidade visual inferior a 0.05 ou campo visual inferior a 10 graus, após o melhor tratamento ou correção óptica específica. Ainda segundo a autora, o enfoque educacional estaria na utilização do sistema

em que a compreensão de sua dinâmica está entrelaçada principalmente ao intercuro dessa deficiência, o desenvolvimento da linguagem e a formação dos educadores são necessidades cruciais para a compreensão dos significados inerentes às “obras de arte”; destaca-se a mediação aliada a áudiodescrição realizada por arte educadores dentro dos museus por intermédio dos Programas Educativos. São quatro segundo Fusari e Ferraz (1999, p.23) os componentes que se articulam no processo artístico:

Os autores/artistas são pessoas situadas em um contexto sócio-cultural, criadores (profissionais ou não) de produtos ou obras artísticas a partir da história de seus modos e patamares de sensibilidade e entendimento da arte; os produtos artísticos/obras de arte, são trabalhos resultantes de um fazer e pensar “técnico-emotivo-representacional do mundo da natureza e da cultura” e que sintetizam modos e conhecimentos artísticos e estéticos de seus autores, possuindo história situando-se em um contexto sócio-cultural; a comunicação, são diferentes práticas de apresentar, de veicular e intermediar as obras artísticas, as concepções estéticas e a arte entre as pessoas na sociedade ao longo da história cultural; público são pessoas também situadas em um tempo-espaço sócio-cultural no qual constroem a história de suas relações com as produções artísticas e com seus autores.

Para que qualquer pessoa possa compreender o universo artístico é necessário assumirmos um comprometimento com a prática sistematizada e contínua de educação em arte. Os Programas Educativos têm no bojo de seu fazer pedagógico, docentes que visam ler as obras de arte em seus elementos estruturais e poéticos, narrando os processos criativos de cada artista através desse diálogo, dessa interação de forma a estreitar as pontes do entendimento entre artista, obra e visitante.

A educação estética da pessoa com deficiência ainda não se solidificou em profundidade dentro da escola, espaços culturais e que é preciso fortalecer inclusive *o âmbito da pesquisa acadêmica*. Kirst e Silvia (2009) evidenciam que os espaços culturais apresentam papel importante na democratização ao acesso da pessoa com deficiência e que a arte nas suas linguagens é uma estratégia de percepção do contexto atual e que os Programas Educativos presentes nos museus, por meio da mediação, amplia o universo perceptual, estético e simbólico das pessoas com deficiência.

Portanto, as ações educativas aliadas a acessibilidade na elaboração de mostras culturais em geral além de um direito previsto e aperfeiçoado e fortalecido pelas políticas públicas culturais é um direito que garante dignidade para que essas pessoas vivam de forma independente e exercendo seus direitos de maneira socialmente ativa.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O MARCO em seus 25 anos de história consagrou artistas para o cenário nacional e internacional, sendo considerado centro de referência mais importante para as artes plásticas em Mato Grosso do Sul, dadas às possibilidades da organização

braile, de recursos didáticos, tecnológicos e equipamentos especiais para o processo de comunicação e leitura-escrita para esses sujeitos.

de calendários anuais com um número maior de exposições estreitando ainda mais o diálogo com outras regiões do país. Seu acervo e suas exposições, com obras de renomados artistas no Brasil e no exterior, atraem um público cada vez maior e diversificado.

Há muito tempo os museus deixaram de ser apenas locais destinados à salvaguarda e à conservação de obras da História da Arte para se tornarem espaços de aprendizagem e de reeducação do olhar. Workshops, seminários, visitas mediadas com escolas e academias, vivências plásticas, reflexões críticas e interpretativas por meio das exposições em cartaz nos museus e em festivais são encantamentos e descobertas que promovem a democratização da cultura.

O público cada vez diversificado estimula os museus ao aperfeiçoamento constante de toda a sua equipe e de colaboradores objetivando atender às necessidades de um público ainda pouco habituado ao exercício da percepção estética como é a pessoa com deficiência. Os recursos de acessibilidade são as tramas que interligam essas pessoas aos bens artísticos. Muito embora a acessibilidade seja a tônica das políticas públicas apenas no Festival de Inverno de Bonito em 2016 esses recursos foram garantidos.

Sem dúvida, o que fortalecerá decisivamente para o estreitamento dos laços entre obras de arte e a pessoa com deficiência é pensar em ações de promoção como festivais e exposições nas suas estruturas físicas-educativas ao mesmo tempo em que se pensa nas suas adequações com recursos acessíveis capazes de oferecer autonomia e dignidade para que então, também, as políticas públicas possam fortalecer essas pessoas nos espaços públicos culturais e no âmbito das pesquisas acadêmicas ainda escassas com pouca divulgação como evidenciou o estudo.

A arte é fundamental dentro da escola, principalmente porque é fundamental fora dela e um dos requisitos para qualquer nação que tenha pretensões de obter valores culturais seria a criação de um sistema educacional com capacidade de oferecer a todos uma ampla educação estética.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. O. **O ensino de arte em Minas Gerais (1940-1960):** Diálogos e colaborações entre a arte e a Educação Nova. 2013. 226f. Tese (Doutorado) Universidade Federal de Minas Gerais, BH, 2013.

ARAUJO, C. M.; SILVA, E. M. A. **Tendências e concepções do ensino de arte na educação escolar brasileira:** um estudo a partir da trajetória histórica e sócio-epistemológico da Arte/Educação. In: 30ª Reunião Anual da ANPED, 2007, Caxambu. Anais, 2007.

AZEVEDO, F. A. G. de. **Movimentos escolinhas de arte:** em cena memórias de Noêmia Varela e Ana Mae Barbosa. 2000. 166 f. Dissertação (Mestrado em Artes). Escola de Comunicações e Artes. Centro de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo. São

Paulo, 2000.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte educação no Brasil**. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____. **Arte-educação contemporânea ou culturalista**. In: Trajetória e Políticas para o Ensino das Artes no Brasil: Anais do XV Confaeb / José Mauro Barbosa Ribeiro (organizador). – Brasília: Ministério da Educação, 2009. (p.61-70)

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Arte**. Brasília, DF: MEC, 1997. v. 6.

_____. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

_____. **Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional 9.394/96**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/l9394.htm>. Acesso em: jun 2014.

BRUNO, M. M. G.. **O significado da deficiência visual na vida cotidiana: Análise das Representações dos Pais- Alunos –Professores**. Mestrado. UCDB, Campo Grande, 1999.

BUENO, J.G.S As políticas de inclusão escolar: uma prerrogativa da educação especial? In: BUENO, J.G.S.; MENDES, G.M.L.; SANTOS, R.A. **Deficiência e escolarização: novas perspectivas de análise**. São Paulo: Junqueira e Marin, 2008. p. 43-63.

CAMPOS, R. H. F. . **Helena Antipoff: razão e sensibilidade na psicologia e na educação**. Estudos Avançados, São Paulo, SP, v. 17, n.49, p. 209-234, 2003.

CARDEAL, M.. **Imagem em relevo: Primeiros apontamentos sobre ilustração tátil em livros para crianças cegas**. In: XVII Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 2008, Florianópolis. Anais do XVII Encontro da ANPAP. Florianópolis: Editora UDESC, 2008. v. 17, p. 1248-1258.

DUARTE, M. L. B. . **Desenho infantil e visualidade - uma concepção de esquema gráfico e de esquema gráfico tátil-visual**. In: XX Encontro Nacional da ANPAP (Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas), 2011, Rio de Janeiro. “Subjetividades, utopias e fabulações” Anais do 20º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. Rio de Janeiro: ANPAP, 2011. p. 923-935.

_____. **Sobre linguagem, códigos, e ensino de desenho para crianças invisuais - três historinhas geométricas**. In: Entre territórios - 19º Encontro Nacional da ANPAP, 2010, Cachoeira, BA. Anais do ... Encontro Nacional da ANPAP (Online), 2010. p. 2298-2313.

_____. **Desenho infantil e invisualidade: fatores educacionais e comunicativos**. In: 18º Encontro Nacional da ANPAP, 2009, Bahia. Anais do ... Encontro Nacional da ANPAP (Online), 2009. p. 3572-3585.

DUARTE, M. L. B; OLEQUES, L. C.. **A palavra e o desenho infantil: um estudo do desenho na surdez profunda**. In: 18º Encontro nacional da ANPAP, 2009, Bahia. Anais do 18º Encontro Nacional da ANPAP (Online), 2009. p. 3612-3624.

FERRAZ, M. H. C. T.; FUSARI, M. F. R.. **Metodologia do ensino de arte**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.

FISCHER, E.. **A necessidade da arte**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

GUERRA, M. T. T.; MARTINS, M. C. F. D.; PICOSQUE, G.. **Teoria e prática do ensino de arte**. São Paulo: FTD, 2004.

HUNT, E. K. **História do pensamento econômico**. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

KIRST, A.; SIMO, C. H.; SILVA, M. C. R. F. **Ensino de arte e inclusão: os desafios do conhecimento**. In: 19a. Encontro nacional da Anpap, 2010, cachoeira - Bahia. Anais do ... Encontro Nacional da ANPAP (Online). Cachoeira: Editora da ANPAP, 2010. p. 1861-1875.

MELLO, S. M. A. **Toque ativo: Uma experiência de transversalidade do sistema háptico na poética visual do cego**. In: 18º. Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas - ENANPAP, 2009, Salvador. Anais do ... Encontro Nacional da ANPAP (Cd-Rom). Salvador - BA: EDUFBA, 2009. v. 01. p. 3912-3923.

NERES, C. C.. **As instituições especializadas e o movimento da inclusão escolar: intenções e práticas**. 2010. Doutorado em Educação. USP, São Paulo, 2010.

OLIVEIRA, P. C.; SILVA, J. C. R. P. . **Desestruturando o olhar: a experimentação em um passeio pelo invisível**. In: 19º Encontro Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas - ANPAP -, 2010, Cachoeira - BA. Anais 2010 ANPAP, 2010. v. 1. p. 1-100.

PIEKAS, M. I. . **O desenho infantil e os objetos do mundo: Construindo um método de ensino no âmbito da invisibilidade**. In: 20 Encontro Nacional da ANPAP. Subjetividades, utopias e fabulações, 2011, Rio de Janeiro. Subjetividades, utopias e fabulações. Rio de Janeiro, 2011. p. 851-866.

REILY, L. **História, arte, educação: reflexões para a prática de arte na educação especial**. In: Claudio Roberto Baptista; Katia Regina Moreno Caiado; Denise Meyrelles de Jesus. (Org.). Educação especial: diálogo e pluralidade. 1ª ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2008, v. 1, p. 221-239.

_____. **Nas margens dos manuscritos e da vida: representações de deficientes em iluminuras medievais**. In: 32ª Reunião Anual da Anped, 2009, Caxambu. Sociedade, cultura e educação: novas regulações? - ANPEd. Puc-Rio e Timbaúba, PE: ANPEd e Espaço Livre, 2009. v. 1. p. 1-15.

_____. **Pesquisas brasileiras sobre arte e deficiência: um campo de conhecimento em formação**. In: Geovana Mendonça Lunardi Mendes; Maria Cristina da Rosa Fonseca e Silva. (Org.). Educação, arte e inclusão: trajetórias de pesquisa. 1ª ed. Florianópolis: Editora da UDESC, 2009, v. 1, p. 135-153.

_____. **Músicos cegos ou cegos músicos: representações de compensação sensorial na História da Arte**. Cadernos CEDES (Impresso), v. 28, p. 245-266, 2008.

_____. **O ensino de artes visuais na escola no contexto da inclusão**. Cadernos CEDES (Impresso), v. 30, p. 84-102, 2010.

SILVA, M. C. R. da F. **A inclusão na fala do professor de arte: recortes da cultura escolar**. In: Geovana Mendonça Lunardi Mendes; Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva. (Org.).

Educação, arte e inclusão: trajetórias de pesquisa. 1ª ed. Florianópolis: UDESC, 2009, v. 01, p. 27-38.

_____. **Objetos Pedagógicos para o ensino de arte em contextos inclusivos.** In: 16ª Encontro Nacional da ANPAP, 2007, Florianópolis. Anais do 16 ENANPAP: Dinâmicas Epistemológicas em Artes Visuais. Florianópolis: ANPAP, 2007. v. 01. p. 935-945.

_____. **Objetos pedagógicos para ensinar arte a crianças com deficiência.** In: 19ª Encontro nacional da Anpap, 2010, Cachoeira - Ba. Anais do Encontro Nacional da ANPAP (Cd-Rom). Cachoeira - ANPAP: Editora da ANPAP, 2010. p. 2269-2283.

SILVEIRA, T. S.; FISHER . **Ela fica ali na sala de aula, os alunos fazem, ela ganha folha pra desenhar: inclusão escolar de educandos cegos em artes visuais.** In: 32ª Reunião Anual da ANPED, 2009, Caxambu. Sociedade, cultura e educação: novas regulações?, 2009.

VALENTE, D.. **Imagens que comunicam aos dedos:** a fabricação de desenhos táteis para cegos. In: XVII Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 2008, Florianópolis. Anais do XVII Encontro da ANPAP. Florianópolis: Editora UDESC, 2008. v. 1. p. 1013 -24.

SOBRE A ORGANIZADORA

JEANINE MAFRA MIGLIORINI Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná e em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Especialista em História, Arte e Cultura e Mestre em Gestão do Território pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Educadora há dez anos, iniciou na docência nos ensinos fundamental e médio na disciplina de Arte. Atualmente é professora da Unicesumar. Arquiteta e urbanista, desenvolve projetos arquitetônicos. Escolheu a Arquitetura Modernista de Ponta Grossa – PR como objeto de estudo, desde sua graduação. Produzindo pesquisa e material didático para o ensino de arte com essa temática.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-85107-16-1



9 788585 107161